

PRÁTICAS NO ESPAÇO URBANO: A FOLIA DE SANTOS REIS EM PIRENÓPOLIS, GOIÁS¹

Aline Santana Lôbo²

Tereza Caroline Lôbo³

Resumo Este trabalho, que parte da Geografia Cultural, objetiva descrever o espaço festivo onde manifesta uma das Folias de Santos Reis que *gira* atualmente no município de Pirenópolis, a Folia do Mário - o nome refere-se ao folião-guia que a organiza. É uma folia que tem seu percurso pelas ruas da cidade e sua forma ritual tem como referência um espaço e um tempo móvel, definindo um processo, um estar indo para algum lugar. Propõe-se uma investigação que busque destacar os símbolos e os rituais que dão sentidos à realização anual desta folia, entendida como fenômeno. Essa expressão religiosa assume significados múltiplos para os participantes, que vão desde o sentido penitencial até a perspectiva de lazer e festa.

Palavras-chave: Folia de Reis - Pirenópolis – Festas Urbanas

¹ O presente trabalho está vinculado ao Grupo de Pesquisa em Turismo e Gastronomia Canela d’Ema e à pesquisa “Artes e Saberes nas Manifestações Católicas Populares” UEG, que conta com o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás — FAPEG, conforme Chamada Pública nº 005/2012.

² Mestranda, bolsista UEG, orientada pela Profa. Dra. Maria Idelma Vieira D’Abadia, do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Sociais e Humanidades: Territórios e Expressões Culturais no Cerrado/UEG. Professora da Rede Estadual de Educação do Estado de Goiás e integrante da equipe do Ciranda da Arte.

³ Doutora em Geografia pelo IESA/UEG, professora da Rede Estadual de Educação do Estado de Goiás e coordenadora do ProEMI/JF.

Não são poucos os cientistas das culturas populares que acreditam que elas sobrevivem quando os seus criadores criam sem pensar e pensam sem compreender. Pouco sabem eles que as próprias criações do imaginário popular são maravilhosas formas críticas de se pensar, entre o conto, e canto e a prece, o próprio mundo social em que se vive (BRANDÃO, 2005, p. 26).

A epígrafe é um trecho da carta de abertura do XI Congresso Brasileiro de Folclore realizado em Goiânia em 2004, chama atenção o fato do autor tratar o imaginário popular como um sistema de conhecimento complexo que pensa o dilema da condição humana e o maravilhamento de seus mistérios como condição real da vida social e pessoal. Isso faz com que as celebrações populares tornem-se objeto de estudos científicos das ciências humanas.

Na Geografia, essa temática tem chamado atenção dos geógrafos brasileiros, principalmente, nas duas últimas décadas do século passado e na primeira década do século XXI, com a expansão, no Brasil, dos estudos na abordagem cultural da Geografia (D'ABADIA, 2014, p.9).

Para a Geografia Cultural a exposição da fé no tempo e no espaço em que ela ocorre é de fundamental importância na compreensão da vivência e das práticas religiosas. Interessa aos geógrafos as principais crenças, suas origens, a difusão da fé no espaço e os agentes que desencadearam o espaço-temporalidade da religião. Segundo Rosendahl (2010) a religião enquanto manifestação cultural atrelada a diversos processos sociais e espaciais traz o entendimento sobre a formação dos espaços sagrados, seus significados simbólicos e as representações do sujeito perante esses lugares convergem para um amplo campo de investigações.

Curado e Lôbo (2011) esclarecem que buscar compreender uma comunidade pelas suas manifestações culturais é uma tarefa complicada, às vezes árdua e até mesmo, em certos casos, contraditória, mas mostra-se

como o mecanismo mais próximo do cotidiano, pois são mutáveis e refletem os anseios mediatos dos moradores.

As comemorações dos festejos em louvor a Santos Reis em Pirenópolis, Estado de Goiás acontecem no período pós-natalino. O *giro*, denominação dada ao caminho percorrido pelas folias, é iniciado pelo lado leste e finalizado no sentido oeste, neste trajeto agrega rituais, pessoas e lugares. Trata-se de uma prática do catolicismo popular que adquiriu especificidades, singularidades e a complexidade que produzem as celebrações em homenagem aos Reis do Oriente.

São várias as folias que perfazem um trajeto circular pela cidade e fazendas da região com os objetivos de arrecadar donativos para a realização das festividades e a distribuição de graças entre os devotos de Santos Reis. Contudo, cada uma tem configurações próprias e significados, o que justifica a escolha deste estudo sobre a Folia de Reis do alferes Mário, no município de Pirenópolis, Estado de Goiás. Pretende-se com este recorte identificar e destacar os símbolos e os rituais que dão sentidos à realização anual desta folia compreendendo o que a singulariza diante dos *outros* e dos partícipes.

1 A Folia de Santos Reis ou a Folia do Mário

O subtítulo já prenuncia uma contradição, uma folia dos Reis Santos que homenageiam a natividade de Jesus, mas que, contudo, pertence ao Mário, o alferes responsável por sua organização, o agente que, no topo da hierarquia de uma companhia de Reis, articula participações - é aquele que sabe, cria e vive, num fazer ingênuo e dialógico. A importância da estruturação dos rituais da folia reside no fato destes fundirem dois mundos, os dos santos, a devoção aos Reis, e o dos homens, organizado e estruturado pelas ações do Mário. Essa interação contraditoriamente surgida dos conflitos entre mundos cujo “tempo e o espaço são outros, são simbólicos; carregados de sentidos e significados” (D’ABADIA, 2014, p. 10), compõem o universo dinâmico e complexo da vida cultural.

Mais do que fazerem ou produzirem funcionalmente algo, ou servirem a este ou àquele propósito social utilitário, as infinitas formas de realização das culturas populares valem pelo dizem. Valem pelo que criam como saber e sentido, como sensibilidade e significado, como formas originais da partilha da vida e da criação de sociabilidades (BRANDÃO, 2005, p. 28).

A Folia de Santos Reis conduzida pelo Mário, foi criada em 1986, é uma celebração que tem seu giro pelas ruas da cidade e seus rituais, assim como os das demais folias que giram pelo município, tem como referência um espaço e um tempo móvel, definindo um percurso, um estar indo para algum lugar.

O processo ritualístico tem início com as negociações para realização dos pousos – ritual que acontece em uma casa previamente escolhida e que abrigará os foliões ofertando-lhes uma janta e um almoço, servindo também como espaço para as cantorias, danças, agradecimentos e repouso para as bandeiras. É uma casa por noite, durante os três dias de festa.

As articulações para escolha destes lugares acontecem entre os foliões, ao longo de todo ano, e ocorrem em meio aos encontros do cotidiano, nas portas das casas, nas ruas, na feira e em outros espaços. Nestes momentos além das definições dos locais dos pousos, são escolhidos os grupos que serão convidados para tocar, cantar e girar a folia e, a rota circular é traçada constituída pelas casas e fazendas onde os pousos acontecerão.

São várias as dificuldades do grupo em definir todos os pousos, ora por falta de interessados em ceder sua moradia, ora por conflitos internos entre os foliões. Cabe aos alferes articular donativos para realização dos pousos, isso implica no envolvimento com os políticos, comerciantes e o poder público. Em anos de eleições municipais e estaduais, as disputas para realizar os pousos se acirram devido à visibilidade proporcionada por esta festividade. Assim, nos anos de campanhas eleitorais os pousos são concorridos e, fora destes, esvaziados de pessoas e recursos financeiros para realização da festa. É comum, algumas vezes, a cessão do direito do pouso para alguém que precisa cumprir voto com os Santos Reis, pagar

promessa ou manter uma tradição familiar. Estas são as causas constantes dos desentendimentos e conflitos internos do grupo.

A lista com as casas em que realizarão os pousos e a rota do giro são confirmadas apenas no dia do *junta* — momento de início dos rituais de peditório de esmolos que caracterizam esta festividade. O *junta*, na maioria das vezes, acontece na casa de um dos alferes responsável pela organização dos rituais da folia. Neste local os foliões recebem as camisas e os lenços que comporão o uniforme dos foliões durante os dias de pousos e festas, são também entregues as *guias*, broche formado por uma fita e às vezes, uma medalha dos Reis Santos acompanhados do crachá que indica o cargo ocupado pelo folião durante os rituais.

Apesar dos pousos serem abertos ao público, são considerados foliões os partícipes que recebem a *guia* e os cargos que definem a hierarquia — alferes, regentes, *salveiros*, embaixadores ou músicos, procuradores, palhaços e, os demais são foliões. Os alferes são responsáveis diretos pela organização dos rituais, são dois alferes, um deles é sempre o Mário, no caso desta Folia é o articulador maior, os foliões que participam dizem ter sido convidados pelo Mário, todos aguardam seu comando para iniciar ou finalizar os rituais. Os regentes auxiliam os alferes e os músicos que coordenam os cânticos de chegada e saída da folia, tocam os versos nos altares e os agradecimentos à mesa. Os procuradores cuidam da organização das filas para a distribuição da comida. Os palhaços mascarados acompanham o grupo com um cajado que marca o compasso das músicas durante o giro, são responsáveis por guardar os donativos e fazem brincadeiras para alegria das crianças; dentro do ritual são responsáveis por afastar os maus espíritos. Os salveiros anunciam o início dos rituais estourando os fogos de artifício. A hierarquia é respeitada pelos demais foliões que entendem que estes cargos são imprescindíveis para a realização dos rituais que estruturam a festa da folia.

Os partícipes e devotos que acompanham esta folia pertencem às classes mais humildes da população local. Os foliões, em sua maioria, são oriundos de outras regiões, apesar dos organizadores — os alferes — morarem em Pirenópolis. Os músicos, por exemplo, comumente vêm de

idades vizinhas como Vila Propício e Anápolis e da área rural do município de Pirenópolis, estes mantêm contatos entre si ao longo do ano, reunindo para girar outras folias, como a do Divino, em maio, e a Folia de Santana na Capela do Rio do Peixe, no mês de julho.

Após a reunião do *junta* é realizado o ritual de levantamento das bandeiras, símbolo maior da festa, são duas bandeiras que trazem a imagem dos Reis Magos estampada, uma em tecido azul e outra no tecido branco. Sua condução é feita pelos alferes que se postam a frente do grupo indicando o percurso. A chegada das bandeiras à casa do pouso acontece em meio aos cânticos improvisados pelos músicos cujas letras narram a viagem dos Reis Magos para a visita a Jesus, nos versos pede-se licença para adentrar à casa do pouso. O limite desta é definido por um arco feito com folhas de bambu e enfeitado com flores que no ritual representa a fronteira entre o espaço do sagrado, a casa do pouso que abrigará as bandeiras, e o profano, a rua.

Dentro da casa e diante do altar os cânticos invocam a presença do sagrado e saldam as imagens presentes na lapinha. Este ritual é encerrado com a tradicional dança do Xá, uma espécie de catira ou cateretê (CASCUDO, 1972, p. 257) dançado pelos foliões e que serve para integrar o público que assiste à festa, neste momento todos os presentes podem cantar e dançar.

Na sequência ritualística, o grupo se desloca para o espaço reservado para a janta e realiza o cântico de agradecimento. Os procuradores organizam a fila tendo os foliões à frente para a farta distribuição da comida. Depois que os foliões são servidos a comida é distribuída para os presentes, é o momento de maior número de público. Após a farta distribuição, a mesa, então composta pelo que sobrou de comida, é circundada pelos foliões e pelos donos da casa que portando as bandeiras realizam o ritual de agradecimento de mesa.

Em seguida, os músicos dão início ao peditório de esmolos, os devotos pegam as bandeiras ajoelham diante dos músicos que improvisam versos de agradecimento ao que foi ofertado. Quando é doado dinheiro, este é colocado dentro de uma sacola que fica sob a guarda dos palhaços. É um ritual significativo para os devotos que aguardam este momento para agradecer e/ou pedir graças, este dura o tempo que for necessário para que todos

recebam um verso e faça sua doação. Findado o ritual das esmolas, as bandeiras são depositadas no altar e os foliões se reúnem para a dança da catira, que diferente da dança do Xá, pois esta exige habilidades e conhecimentos para realizar a coreografia, e ao som das palmas e das batidas de pés a festa tem continuidade com o forró - baile que termina na madrugada.

No dia seguinte, no horário do almoço, a ritualidade tem início na casa do pouso onde as bandeiras pernoveram, ali se repetem os cânticos de agradecimento pelo almoço. O grupo então segue pelas ruas visitando as casas que o convida para cantar no presépio e oferecer donativos, estas casas ficam no percurso do pouso seguinte, assim, a folia segue caminho no intuito de completar mais uma etapa do giro.

Nas casas que não tem presépio, os foliões cantam na porta, pedem a esmola e seguem pelas ruas a pé quando a etapa do giro é dentro da área urbana, quando é na zona rural alguns carros dos próprios foliões ou agenciado pelo alferes Mário conduz os foliões até a fazenda.

A Folia que iniciou seu giro na casa de um dos alferes tem os rituais se repetindo ao longo dos três dias. O dia é iniciado com o almoço, seguido pelos rituais de agradecimento e peditório de esmolas; o giro pelas ruas ao longo da tarde com as cantatas nos presépios; a chegada à casa do pouso na hora do crepúsculo, seguido dos cânticos de passagem pelo arco, no altar, os agradecimentos à mesa, as esmolas e durante a madrugada o baile com a dança do catira e o forró.

O encerramento do ciclo ritualístico, quando completa o giro que configura a festa de Santos Reis, acontece no Asilo de São Vicente de Paula, onde os donativos são depositados. Os foliões que andaram por alguns bairros da cidade e fazendas circunvizinhas durante o dia perfazendo o trajeto a pé e caminharam pelas ruas e estradas visitando as casas onde tem presépio externalizam suas emoções e seus sentimentos de dever para com o sagrado e as tradições cumpridas por mais um ano. Esta finalização é na realidade o início do ciclo anual de preparação dos festejos do ano seguinte com o sorteio ou indicação daqueles que dividirão com o Mário as

responsabilidades de organização e efetivação de mais uma Folia de Santos Reis.

2 Os símbolos e os rituais da folia

O catolicismo popular devocional é caracterizado pela intensa presença de leigos, por ampla participação popular e por se constituir de festas de santo, bênçãos, promessas, rezas, romarias cujos rituais e símbolos expressam o sentimento religioso numa forma mais adequada à cultura e à tradição do lugar, figurando como uma forma de resistência à imposição do catolicismo romano oficial. Esta experiência religiosa é coletiva e individual e ainda é tão “visível quanto emocionante e revela um simbolismo forte, que ultrapassa qualquer concepção de experiência religiosa, seja ela tradicional ou pós-moderna” (ROSENDAHL, 2012, p. 30).

A prática religiosa das festas deste catolicismo é compreendida como devoção, como um sentimento religioso, uma dedicação íntima e um afeto a um objeto ou santo de especial veneração cuja adoração se dá de forma coletiva e popular pautada nas trocas entre os homens ou entre os homens e as divindades. As folias de Reis é uma destas práticas religiosas que com seus rituais incorpora valores, crenças, sentimentos de pertencimento e identidades com o espaço de vivência. Desse modo,

as folias também contribuem para disseminar e aclimatar o catolicismo, criando momentos de reafirmação da fé, conagração coletivo e quebra da rotina. Na maioria das vezes é a promessa que move muitos devotos a deixarem suas casas e adentrarem outras como divulgadores da chegada de um Deus Menino que renasce a cada ano nas lapinhas dos moradores (BRITTO, 2015, p.178).

Na Folia de Santo Reis a devoção aos santos é representada pelas bandeiras que garantem o auxílio celestial para as necessidades e balizam um sistema de trocas simbólicas na relação devocional. Este símbolo máximo da representação dos santos na Terra sacraliza os locais por onde passa e

tece o pacto entre o devoto e os santos numa relação de fidelidade que perpassa gerações.

As bandeiras são confeccionadas em tecido branco ou azul celeste com a imagem dos Reis Magos estampadas e circundadas por flores e fotos que demonstram o sentimento devocional. Nenhuma prática religiosa se faz sem o sagrado, assim, pertencer à folia compreende “seguir os passos da bandeira pelas estradas, ajoelhar diante do altar e reverenciá-la, acompanhar com um olhar piedoso” (BRITTO, 2015, p.178). No entanto, para Turner,

uma coisa é observar as pessoas executando gestos estilizados e cantando canções enigmáticas que fazem parte da prática dos rituais, e outra é tentar alcançar a adequada compreensão do que os movimentos e as palavras significam (2013, p. 24).

Faz-se necessário obter mais esclarecimentos sobre essa expressão religiosa e seus múltiplos significados para os participantes, sentidos que vão desde o penitencial até a perspectiva de lazer e festa. Para Otto (2007), a análise e as percepções do sagrado, entendido como numinoso, seria um convite aos estados psíquicos de solene devoção e arrebatamento dos sentimentos. O sentimento numinoso é um estado afetivo específico que provoca um sentimento de nulidade perante aquilo que está acima de toda criatura e seu caráter é avassalador.

Participar dos giros da folia é para os foliões e devotos ter uma experiência religiosa e de fé que investe o devoto de poderes ao colocá-lo diante do sagrado, “permite ao homem participar ontologicamente da existência de Deus” (ROSENDAHL, 2012, p. 17). Esta reação-sentimento é desencadeada na psique por uma experiência que a própria pessoa passa. Dessa forma, provoca o sentimento subjetivo de dependência absoluta que pressupõe a sensação de superioridade.

Num ritual de Folia a música é instigadora das manifestações do momento sagrado sua função é produzir uma convulsão coletiva próxima do paroxismo - o auge, o mais alto grau de expressão de um sentimento. A música, por infinitas maneiras, tem uma participação na vida cotidiana, esta

tem o propósito de despertar a consciência e tem o poder evocador de acordar lembrança de tempos longínquos (GORINA, 1971).

A Folia de Reis possui sons que diferem das outras folias – do Divino e de São Sebastião, por exemplo - e seu sentido cultural pode ser apreendido. Os timbres que ecoam permitem perceber os sons característicos, e é pela diversidade dos timbres que podemos distinguir os sons dos diferentes instrumentos musicais: viola, violão, caixa, pandeiro, acordeom e as vozes. Cada qual tem sua sonoridade própria complementada pela paisagem sonora ora rural, ora dos perímetros urbanos e ora do interior das casas.

As canções entoadas vibram repetidamente num ritmo próprio. A combinação da altura, intensidade, timbre e duração, ao sujeitar o som a uma ordem e ao enquadrá-lo num complexo rítmico, dá vida ao universo imaterial da música. Desse modo, cada som tem um sentido, um significado e um conteúdo imediatamente diferenciado.

Não se pode falar de música em sentido estrito até ao momento em que o som que o homem pode obter por meios determinados se encontra sujeito a uma lei, a princípios ou convenções que lhe conferem sentido. Para tanto, torna-se necessário aglutinar a vibração dispersa do ambiente caótico num pequeno cosmos em que cada som cumpre sua missão em função do conjunto sonoro que o recebe, conferindo-lhe significado (GORINA, 1971, p. 17).

A organização sonora do espaço festivo pode chegar ao ouvinte de diversas maneiras e causar as mais diferentes sensações. O destinatário percebe imediatamente seu sentido, ou seja, a música é o som organizado dotado de uma carga de significado. Os sons musicais se comunicam na folia, tem funções estritamente utilitárias. “Trata-se de usar a música para fins significativos, mas em ligação com o seu incompreensível mundo anímico e circunstancial” (GORINA, 1971, p. 22).

A música tem importante função ritual, os versos são repentes que associam dois planos, o plano terreno onde acontece a vida e o plano celestial que acontece após a morte. A festa é uma intercessão dos dois planos, na terra é desprovido dos bens materiais, mas no reino celestial existe a possibilidade de um mundo melhor. Isso pode ser observado no

trecho da música entoada pelos Foliões no trajeto pelas ruas visitando casa por casa com o intuito de pedir esmolas e/ou donativos.

**Quem pegou nesta bandeira
Tá sentado pelo chão (bis)
Segurou os três Reis Santos
É a nossa evocação (bis)**

**Para dar a sua esmola nunca
Nunca diga que perdeu (bis)
Lá no reino lá da Glória
Vai ter tudo que era seu (bis)**

**Deus te pague a boa esmola
Que foi dado nesta hora (bis)
Os três Reis do Oriente
Vai esperá no Reino da Glória. (bis)**

Os versos da música são cantados por dois grupos de foliões, um grupo canta dois versos e o outro responde, enquanto o devoto segura a bandeira numa experiência de fé visível e emocionante revelada pela vivência simbólica que estabelece a comunicação do devoto com este e outros mundos.

Trata-se de mundos construídos a partir de um entrecho de sinais, metáforas, alegorias, alusões, sonhos, imaginações, onde a linguagem cria a possibilidade de se ultrapassar a si mesma e, por sua vez, as artes impulsionam mais para frente, rompendo os diques da linguagem para comunicar e metacomunicar. E, desse modo, os mundos se multiplicam à enésima potência (TERRIN, 2004, p. 371).

O mundo individual criado e vivenciado durante a Folia é materializado pelos moradores que se esmeram na elaboração dos altares que contêm a cena da natividade. No cenário elaborado é possível identificar a Sagrada Família – José, Maria e o Menino Deus – imagens dos três Reis – Baltazar, Melquior e Gaspar -, dispostos em uma paisagem composta por animais,

plantas, flores, fotografias da família e imagens de outros santos da devoção da casa.

Nesta lapinha “existe uma gama variada de sistemas sógnicos que, sendo fruto das relações sociais, compõe o quadro cultural de uma sociedade” (GANDARA, 2005, p.1780), no caso, a sociedade pirenopolina. São imagens que demonstram a fé, a devoção e a arte dos anfitriões. Estes cenários dizem muito sobre as pessoas do lugar. O esmero na elaboração dos oragos chama atenção. É possível observar nas imagens produzidas as formas variadas e complexas de se relacionar com a fé, com as tradições e com a cultura. Nestes altares se materializam as práticas e representações da religiosidade presentes nas Folias de Reis.

Ao focar nos altares das Folias do Divino — entendemos que as crenças que estão ali expressas são manifestações da religiosidade dos donos da casa. É a criação e a definição de um espaço sacralizado, pois é o local de repouso das bandeiras consideradas sagradas pelos foliões e é no contato com as bandeiras e aos pés do altar que os devotos entoando seus cânticos rendem suas graças.

Considerações Finais

A Folia de Reis que gira pelas ruas e fazendas próximas de Pirenópolis no período compreendido entre o Natal e o Ano Novo se assemelha as outras folias de Reis existentes no município e cidades vizinhas, todas são constituídas por rituais da religiosidade popular e estruturadas por símbolos como as bandeiras, as músicas, os altares, dentre outros.

A singularidade da cada uma das folias está no sentimento de pertencimento que o partícipe tem em relação à celebração. Um mesmo folião pode ser encontrado participando de folias diferentes, ocupando funções ritualísticas variadas, contudo insistem em afirmar que a fé é a mesma e o que o faz estar ali vivendo aquele momento é a tradição e a devoção nos Reis Magos.

A folia organizada pelo Mário é a primeira a iniciar seu giro, este tem a durabilidade de três dias. Neste período os foliões ao percorrem as ruas da

cidade, incluem no trajeto os bairros afastados, o que possibilita maior visibilidade da celebração. Apesar de circular pelas periferias sua rede festiva é significativa, pois é constituída de foliões vindo de Anápolis, Vila Propício, Abadiânia, dentre outra cidade do entorno.

Estas festas da religiosidade popular, além de expressar a cultura, são acontecimentos estruturalmente relevantes e tradicionais, dotados de significados e valores que definem comportamentos e constituem a história do lugar onde estas se manifestam. Este fenômeno pertencente à cultura local é um lugar de encontro dos foliões entre si, destes com os outros e com sua devoção, contudo o que mais a singulariza é o fato de possibilitar ao folião o encontro consigo mesmo, definindo um processo, um estar indo para algum lugar.

Referências Bibliográficas

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Carta ao povo brasileiro*. In: *Metodologia da pesquisa em folclore – preservação dos bens da cultura imaterial*. (Anais) Ed. Goiânia: Editora Kelps, 2005, v.1, p. 22-34.

BRITTO, Clovis Carvalho. *Entre mascarados, mouros e cristãos: Por uma memória topográfica das cavalhadas no Campo do João Francisco de Goiás*. In: BRITTO, Clovis Carvalho. *Os Sentidos da Devoção: o império do Divino na Cidade de Goiás (Séculos XIX e XX)*. Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2015.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Dicionário do folclore brasileiro*. Rio de Janeiro. Ed. Tecnoprint S.A., 1972.

CURADO, João Guilherme da Trindade; LÔBO, Tereza Caroline. *Festas do Catolicismo Popular: Expressões Identitárias Presentes em Pirenópolis-Goiás*. In: *Ciberteologia – Revista de Teologia & Cultura*. Ano VII, nº 35, p. 82-92, 2011.

D'ABADIA, Maria Idelma Vieira. *Diversidade e Identidade Religiosa: Um leitura espacial dos padroeiros e seus festejos em Muquém, Abadiânia e Trindade – GO*. Jundiá: Paco Editorial, 2014.

GANDARA, Gercinair Silvério. *Rio Parnaíba: velho monge entre a história e a imagem*. In: Fragmentos de Cultura. Vol. 15, nº 12, p. 1779-1796, dez. 2005.

GORINA, Valls. *O que música?* Editorial Verbo, Lisboa:1971.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional*. Petrópolis: Vozes, 2007.

ROSENDAHL, Zeny. *Trilhas do Sagrado*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2010.

_____. *Primeiro a obrigação, depois a devoção: Estratégias espaciais da Igreja Católica no Brasil de 1500 a 2005*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2012.

TERRIN, Aldo Natali. *O rito: antropologia e fenomenologia da ritualidade*. São Paulo: Paullus, 2004.

TURNER, Victor W. *O Processo Ritual: estrutura e antiestrutura*. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.